

## UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS DE NUMERAMENTO-LETRAMENTO DE SURDOS EM CONTEXTOS ESCOLARES E NÃO-ESCOLARES: INVESTIGANDO QUESTÕES DE LINGUA(GEM), CULTURA(S) E IDENTIDADE(S)

Elaine Botelho Corte FERNANDES<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho foca as formas de participação em práticas de numeramento-letramento dos surdos de uma instituição escolar, localizada no estado de São Paulo. O objetivo do trabalho é analisar alguns dos significados produzidos pelos surdos em tais práticas, para que assim seja possível iniciar uma reflexão sobre a educação matemática dos mesmos. Para tanto, o trabalho segue uma abordagem qualitativa que tem por base as idéias apresentadas por Erickson (1984, 1989). O trabalho fundamenta-se em pressupostos teóricos que consubstanciam: o letramento, o numeramento, a Etnomatemática, e ainda questões sobre bilingüismo, identidade, cultura e representação.

**Palavras-chave:** Etnomatemática; Surdez; Identidade; Cultura; Representação.

**ABSTRACT:** This study puts its focus on the ways of participation on practices of numeracy-literacy of the deaf in a institutional school, in the state of Sao Paulo. The purpose of this study is to analyze some of the meanings produced by the deaf within such practices, allowing us to begin a reflection about their mathematical education. This study follows a qualitative approach which has the basis of the ideas presented by Erickson (1984, 1989). This study is based on the theoretical assumptions: numeracy, literacy, Ethnomathematics and some issues about bilinguism, identity, culture and representation.

**Keywords:** Ethnomathematics; Deafness; Identity; Culture; Representation.

### 1. Introdução

Já há algum tempo as discussões sobre Educação Especial vêm acontecendo na academia e nos encontros, congressos e demais eventos por ela promovidos, e, conseqüentemente, invadindo também sua produção literária. A própria mídia tem dedicado algum espaço ao tratamento de assuntos ligados aos chamados “deficientes”, ou ainda, aos denominados “portadores de necessidades educativas especiais”. Nesse sentido, parece que a sociedade, de um modo geral, começa a perceber a existência de pessoas que, até então, estavam completamente invisibilizadas. Ainda assim, parece que muitos entraves podem ser facilmente encontrados quando o foco está na educação de tais pessoas, indicando a existência de uma infinidade de fatores que necessitam ser (re)descobertos, (re)discutidos e (re)pensados. Deste modo, diante das inúmeras possibilidades que se apresentam,

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Instituto de Estudos de Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Bolsista CNPq. E-mail: lainebotelho@ig.com.br.

pretendemos com esse estudo conhecer melhor aquilo que se refere à pessoa surda e aos seus contextos de aprendizagem, pensando principalmente na Educação Matemática.

Sabemos que a atual legislação sugere o atendimento preferencial do aluno surdo na rede regular de ensino na chamada “inclusão”. Contudo, atividades educativas são realizadas com os surdos também em “escolas especiais” e até mesmo em instituições não-educacionais que almejam uma melhor inserção destes na sociedade. Assim, sem enumerar os prós e os contras de cada uma dessas três realidades, por não ser esse o foco do estudo, mas, ao mesmo tempo, sem negar a importância de se conhecê-las, enfatizamos que o presente trabalho buscará, principalmente, a análise de algumas práticas realizadas em um contexto escolar específico no qual a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é a língua de comunicação e instrução, ao qual denominaremos “contexto de Educação Bilíngüe”, visto que o mesmo é perpassado ainda pela língua oficial do Brasil, ou seja, o Português. Entretanto, não pode ser excluída, momentaneamente, a possibilidade de um direcionamento para outras práticas de numeramento-letramento<sup>2</sup> desenvolvidas no exterior da instituição escolar, pela consideração de que o “aprender” não ocorre somente na escola e de que, mesmo em contextos não-escolares, os surdos entram em contato com conhecimentos matemáticos.

## 2. Motivações e Justificativas

O interesse pela pesquisa decorre de uma experiência profissional de oito anos enquanto professora de Matemática e Física da rede estadual de ensino de São Paulo, o que possibilitou a constatação de que grande parte dos professores de tal rede ainda continua alheia às discussões sobre essa temática. O interesse pela pesquisa também advém da preocupação com a escassez de trabalhos envolvendo o tema, visto que os conhecimentos matemáticos são pouco tomados como objeto de discussão no campo da Educação Especial. E isso se dá, sobretudo, no campo da Surdez, no qual a prática pedagógica parece indicar que a elaboração da escrita e da leitura torna-se a maior preocupação em detrimento à matemática, que é relegada a segundo plano.

Assim, após um breve conhecimento sobre a pessoa surda, propiciado por uma inserção em um primeiro curso de LIBRAS, e ainda com inquietações que apenas a Licenciatura Plena em Matemática não pudera responder, houve a necessidade da procura por especializações em Educação Especial e em Educação e Reabilitação de Surdos. Tais cursos

---

<sup>2</sup> Termo cunhado por Mendes (1995). Acreditando na idéia defendida pela autora, de que as práticas de numeramento estão entrelaçadas às práticas de letramento, adotaremos a denominação “práticas de numeramento-letramento”, para nos referirmos às diferentes práticas nas quais os surdos fazem uso dos conhecimentos matemáticos, da leitura e da escrita.

possibilitaram, além de novas discussões, uma pequena (porém muito significativa) convivência com os surdos, o que certamente motivou ainda mais a posterior procura pelo Mestrado em Educação. E agora essa mesma experiência motiva a procura pelo Doutorado em Lingüística Aplicada (LA) sob orientação de Marilda do Couto Cavalcanti.

Vale ressaltar que os resultados do trabalho de Mestrado evidenciaram a necessidade de se conhecer melhor os contextos não-escolares e também os contextos de educação bilíngüe. Daí a opção pela LA, sobretudo, pela área Multiculturalismo, Plurilingüismo e Educação Bilíngüe, visto que um trabalho que visa problematizar questões tão diversas necessita, justamente por essa razão, de uma abordagem interdisciplinar entre as inúmeras áreas. Possivelmente, não encontrasse local mais apropriado.

Esperamos, ainda que minimamente, contribuir para a discussão nas diversas áreas e para a prática pedagógica junto a estudantes surdos, auxiliando profissionais que estão ou serão envolvidos nessa problemática. A pesquisa também é relevante por possivelmente constituir-se como material de apoio também às pessoas que convivem com o surdo, ajudando no relacionamento deste com a sociedade e consigo mesmo. Enfim, esperamos que o presente projeto de pesquisa possa apresentar como uma de suas implicações, uma contribuição aos cursos de formação de professores (em especial, as Licenciaturas em Matemática), abordando questões ainda não muito comuns em tais cenários, apontando alguns direcionamentos, promovendo visibilização e reconhecimento desses “outros”, tentando estabelecer discussões que considerem as relações de poder presentes, também, no processo de numeramento-letramento de pessoas surdas.

### **3. Objetivos**

Parece-nos que o que está em jogo quando nos referimos às práticas pedagógicas realizadas com os surdos é que esta, muitas vezes, em nada se difere das práticas destinadas aos alunos ouvintes. Parece-nos também que a Matemática, no geral, tem sido considerada como que acessiva apenas a uma parcela “eleita” da população, tornando-se, assim, mais uma ferramenta de exclusão e, com isso, estigmatizando aqueles que não obtêm sucesso em tal disciplina. Outro fator que também parece estar em jogo é o fato de que muitas concepções precisam ser modificadas em relação à surdez, à pessoa surda, à aprendizagem, à Matemática e até à própria pesquisa.

Considerando, como já explicitado anteriormente, que tais questões são ainda pouco discutidas no cenário brasileiro, pretendemos dar continuidade a uma reflexão que possa contribuir para a revisão destas e de outras concepções tão importantes quando o assunto

tratado é a prática pedagógica junto a pessoas surdas. Assim, um dos objetivos do presente estudo é contribuir para tais discussões e caminhar em direção às possíveis repostas para os seguintes questionamentos:

- *Como são as práticas sociais que envolvem os conhecimentos matemáticos, a leitura e a escrita no cotidiano de pessoas surdas?*
- *Como são as práticas de numeramento-letramento dos surdos no contexto de Educação Bilíngüe?*
- *Quais elementos de tais práticas podem contribuir para o trabalho desenvolvido nas instituições educacionais e não educacionais?*

Contudo, a principal pergunta de pesquisa pode ser enunciada da seguinte maneira:

- *Como são as práticas de numeramento-letramento desenvolvidas com os alunos surdos no contexto de Educação Bilíngüe? E quais as representações construídas por professores e alunos em tais práticas?*

Em resumo, podemos dizer que o objetivo geral desta pesquisa é investigar as práticas sociais em torno do processo de numeramento-letramento dos surdos, considerando aspectos lingüísticos, políticos e sociais, a partir da discussão teórica que abrange, entre outros, conceitos como culturas, identidades e representações.

Desse modo, pretendemos discutir como as representações dos surdos e de seus interlocutores construídas em contexto de Educação Bilíngüe podem fornecer subsídios para a reflexão sobre a Educação Matemática dos surdos.

#### **4. Alguns Pressupostos Teóricos**

##### *4.1. Sobre a Surdez, a Pessoa Surda e a Língua de Sinais*

Autores como Lane (1992) apontam para o fato de que em grande parte da literatura produzida por ouvintes, os surdos geralmente são classificados com referência ao grau de suas perdas auditivas ou com base na etiologia da surdez. Entretanto, tais classificações não constituem o foco deste estudo. Preocupa-nos apenas dizer que, aqui, os surdos serão considerados parte de uma minoria<sup>3</sup> lingüística e cultural. Contudo, torna-se impossível não mencionar a existência de dois modelos de surdez ainda presentes também em nossa sociedade: as perspectivas clínicas e as sócio-antropológicas.

---

<sup>3</sup> Vale ressaltar tendo como base as idéias apresentadas por Cavalcanti (1999) que, quando o que está em jogo é a diversidade lingüística, a distinção entre minoria x maioria está mais relacionada a poder (e prestígio) do que a quantidade.

Em síntese, poderíamos dizer que, segundo Skliar (1998), no **modelo clínico** a surdez é descrita em termos relacionados à noção de patologia e de deficiência e o surdo é considerado um doente que pode ser reabilitado. De acordo com Skliar, quando outros especialistas, como antropólogos, lingüistas e sociólogos começaram a se interessar pelos surdos, originou-se o **modelo sócio-antropológico**, no qual os surdos são vistos como formadores de uma comunidade lingüística minoritária, caracterizada por compartilhar uma língua de sinais e valores culturais, hábitos e modos de socialização próprios. Como podemos notar, a surdez e os surdos são percebidos a partir de diferentes concepções, sejam elas baseadas na deficiência ou na diferença cultural e lingüística.

Tratando mais especificamente da questão lingüística, Cunha Coutinho (2003) coloca que a língua de sinais sempre foi a forma mais natural de comunicação entre os surdos. Entretanto, durante muito tempo, a língua de sinais foi desvalorizada pela comunidade ouvinte, e talvez ainda o seja pelo não reconhecimento desta como língua. No Brasil, a oficialização da LIBRAS ocorreu somente em 24 de abril de 2002, conforme consta na Lei Federal 10.436/2002. Isso demonstra que o reconhecimento político da língua de sinais é bastante recente, o que não implica dizer que tal reconhecimento tenha favorecido sua efetiva inclusão nas práticas educativas com estudantes surdos. Acreditamos, porém, que a importância da língua de sinais deva ser projetada também para o cenário educacional do qual o surdo participa. Afinal, na dinâmica imposta pelo processo de “inclusão”, parece-nos que somente o português – geralmente, em sua variedade de maior prestígio – não tem garantido ao surdo as melhores condições para seu desenvolvimento. Daí a defesa da inserção da LIBRAS em ambientes educacionais em todas as suas atividades, apontando para um reconhecimento da especificidade lingüística do surdo e um abandono das tentativas de torná-lo ouvinte, principalmente no que diz respeito a sua comunicação.

Entretanto, sabemos que ser surdo não implica ser falante de LIBRAS e, muito menos, ser membro de uma comunidade surda. Sabemos que existem aqueles que não se identificam e não querem ser reconhecidos como surdos, ou seja, “deficientes auditivos”. Assim, após o reconhecimento de que também o grupo de surdos é composto por sujeitos com diferentes identidades, passamos para o próximo item onde é apresentada uma breve discussão sobre os conceitos de cultura e identidade.

#### *4.2. Cultura e Identidade*

Conceitos como cultura e identidade são sempre alvos de muitas discussões teóricas. Tratando do conceito de cultura, Silva (2006) coloca que a concepção mais corrente é

fundamentalmente estática. Segundo o autor, trata-se de uma concepção na qual a cultura é vista apenas como produto acabado, finalizado. Neste sentido, a cultura só pode ser dada, transmitida, recebida. Contudo, em contraste a essa concepção estática, Silva ressalta a existência de uma noção essencialmente dinâmica de cultura. Uma outra perspectiva na qual a cultura seria vista menos como produto e mais como produção, como criação, como trabalho. É dentro desta perspectiva de Silva e de Candau (2002) que nos posicionamos, ao acreditarmos que a cultura é um processo em contínua construção, desconstrução e reconstrução, ou seja, a cultura não é, está sendo a cada momento.

Partimos da possibilidade de interpretar a cultura de forma que ela não pareça única e estática, dando margem para o pensamento de diversas culturas não homogêneas, constituídas em diferentes momentos, considerando sua história e suas particularidades. Acreditamos que as sociedades atuais são compostas por diferentes sujeitos e identidades, que as tornam palcos onde atuam simultaneamente múltiplas culturas que se interpenetram, mas não em relações de simetria. Deste modo, devemos então estar atentos às diferenças existentes entre o grupo de surdos e o grupo de ouvintes e ainda, às diferenças existentes no interior de cada grupo e, às relações de poder presentes em tais sociedades.

Ao acrescentarmos tais elementos à discussão que se estabelece, pretendemos romper com a visão de “surdo genérico”, ou seja, com uma visão essencialista que considera como única característica determinante da identidade (no singular) da pessoa surda – a própria surdez, sem considerar se tal pessoa é branca ou negra, rica ou pobre, homem ou mulher, etc. Entretanto, não queremos negar que, como Bueno (1998) adverte, a surdez é um traço de identificação, mas seria isso suficiente para dizer que os surdos fazem parte de uma mesma cultura ou comunidade? Afinal, acreditamos que os processos de identificação não se constroem “naturalmente”. Assim, as discussões sobre identidade(s) se tornam relevantes para o presente estudo e, vale dizer que, o conceito de identidade é aqui compreendido como algo plural e em constante processo de construção e transformação.

Para nós, os processos de identificação são sempre conflituosos. Todo esse conflito certamente se faz presente nas significações que os surdos produzem na dinâmica da sala de aula e em seus diversos processos de aprendizagem, e também se reflete nas possibilidades pedagógicas propiciadas pelos professores de matemática e outros que, muitas vezes, recebem esses surdos sem o mínimo de conhecimento necessário sobre a surdez. Contudo, na busca por alternativas advindas de outras práticas sociais dos surdos, nas quais a aprendizagem de conhecimentos matemáticos também ocorra, é que esse trabalho encontra relevância, na

medida em que poderá auxiliar na discussão sobre os contextos escolares, concebidos como lugares sistematizados para a aprendizagem, porém, não como os únicos possíveis.

#### 4.3. *Aprendizagem e conhecimentos matemáticos*

Quando falamos em aprendizagem, logo pensamos na escola, na sala de aula, no professor e no seu “trabalho” com o aluno.

Pensamos no aluno que aprende porque existe um professor que ensina e, muitas vezes, ao falarmos de aprendizagem, limitamo-nos ao espaço escolar. Isso porque, desde cedo, é passada a idéia de que devemos ir para a escola “aprender”, como se antes, fora dela, nada fosse aprendido (Fernandes, 2007, p. 20).

Contudo, enfatizamos que a aprendizagem ocorre também em outros locais e situações, talvez, não tão sistematizados quanto à escola. Afinal, a partir das idéias apresentadas por Wenger (2001), em sua obra intitulada: *Comunidades de prática: Aprendizaje, significado e identidad*, podemos concluir que a aprendizagem é um fenômeno social que faz parte de nossa vida cotidiana e que, portanto, não pode estar ligada apenas às imagens de aula, livros, professores, isto é, não pode estar ligada apenas ao contexto escolar.

Tratando da aprendizagem da Matemática, é possível dizer que esta é vista, muitas vezes, como algo acessível apenas a um grupo de poucos escolhidos, tomados como superiores e até geniais. Certamente, o erro está ainda em considerar tal disciplina apenas ligada à escolarização, sem considerar os mais diversos conhecimentos matemáticos presentes no dia-a-dia em práticas que muitas vezes se diferem das práticas escolares. Por essas razões, estamos a questionar a valorização dessa Matemática Acadêmica em detrimento de outros tipos de conhecimentos matemáticos, que não são reconhecidos pela escola e pela própria sociedade. Tais preocupações fazem parte da agenda da Etnomatemática, sobre a qual, passamos a discorrer.

#### 4.4. *A Etnomatemática e as interfaces com a Lingüística Aplicada*

Sabemos que todos os povos produzem diferentes tipos de conhecimentos tentando responder aos mais variados tipos de problemas e situações. Daí a necessidade de acrescentarmos as idéias sobre a Etnomatemática, definida por D’Ambrosio como:

[...] a matemática praticada por grupos culturais, tais como comunidades urbanas e rurais, grupos de trabalhadores, classes profissionais, crianças de uma certa faixa

etária, sociedades indígenas, e tantos outros grupos que se identificam por objetivos e tradições comuns aos grupos (D'Ambrosio, 2002, p. 9).

Entretanto, para o autor, além desse caráter antropológico, a Etnomatemática apresenta uma dimensão política. A Etnomatemática não deseja rejeitar a Matemática Acadêmica, mas pretende discutir as relações de poder que a tornam legítima e superior, enquanto conferem aos outros tipos de conhecimento o status de mera curiosidade ou de folclore. De qualquer forma, é preciso levar para a educação de pessoas surdas a idéia de que os conhecimentos matemáticos podem surgir de maneiras distintas daquelas impostas e aceitas pela escola.

Autores, como Moita Lopes (2006), têm indicado a necessidade de se pensar em uma LA que incorpore teorizações relevantes das Ciências Sociais e das Humanidades. Nessa nova perspectiva, as práticas sociais e seus atores, as questões éticas, políticas e ideológicas tornam-se relevantes e ganham visibilidade. Trabalhos que se inserem na Etnomatemática também se aproximam de tais questões ao procurarem analisar, valorizar e divulgar as práticas sociais de grupos (geralmente, excluídos ou marginalizados). Percebemos que também os estudos em LA ampliam seus olhares para questões históricas, políticas, sociais e culturais, antes consideradas apenas em pesquisas de outras áreas. Moita Lopes, ao discutir novos modos de teorizar e fazer LA coloca que:

aqueles que foram postos à margem em uma ciência que criou outridades com base em um olhar ocidentalista têm passado a lutar para emitir suas vozes como formas igualmente válidas de construir conhecimento e de organizar a vida social, desafiando o chamado conhecimento científico tradicional e sua ignorância em relação às práticas sociais vividas pelas pessoas de carne e osso no dia-a-dia, com seus conhecimentos entendidos como senso comum pela ciência positivista e moderna (Moita Lopes, 2006, p. 87-88).

Também a LA pode colocar seu foco de interesse naqueles que se encontram marginalizados, visando à valorização de seus conhecimentos, sem a intenção de hierarquizá-los. E, dentro dessas novas possibilidades de se fazer pesquisa, em contextos de minorias (e de maiorias tratadas como minorias), a preocupação com conceitos como identidades, culturas e representações torna-se cada vez mais freqüente. Enfim, pode-se dizer que é em busca desse novo jeito de se fazer pesquisa em Etnomatemática e em LA que o presente projeto de pesquisa deseja caminhar.

## **5. Procedimentos Metodológicos**

Esta pesquisa seguirá uma perspectiva qualitativa com base nas idéias de Erickson



(1984, 1989). Tal autor, baseado na Antropologia, foi um dos primeiros a falar sobre a Etnografia para o contexto escolar, propondo “olhar” para a sala de aula não apenas como um laboratório, mas como um ambiente sócio-cultural, trazendo para a Educação a interação entre as diversas áreas e a busca do conhecimento dos “detalhes” e, principalmente, dos significados construídos pelos atores sociais envolvidos na pesquisa. Nesse sentido, a pesquisa será realizada numa instituição escolar específica para surdos, localizada no estado de São Paulo, na qual a LIBRAS é a língua de instrução e de comunicação. Trata-se de uma escola pública municipal que é nomeada como uma “Escola Especial”. Entretanto, por acreditarmos que a Educação de Surdos não pode ser tratada no âmbito da Educação Especial, devido sua especificidade, optaremos pela denominação “contexto de Educação Bilíngüe” para nos referirmos à instituição.

O processo de geração de registros poderá contar com os seguintes procedimentos: observação das aulas ministradas; elaboração de diário de campo; análise dos registros produzidos pelos envolvidos; realização de entrevistas semi-estruturadas com os profissionais envolvidos (gravadas em áudio) e com os surdos (gravadas em vídeo, mediadas por um falante de LIBRAS e, posteriormente, transcritas por um intérprete para que seja possível levantar questões a partir da perspectiva dos próprios surdos). Também será feita uma revisão bibliográfica, buscando uma base teórica para fundamentar a análise dos registros gerados, almejando um melhor conhecimento sobre as questões que se referem aos contextos de maiorias tratadas como minorias e aos contextos de Educação Bilíngüe.

## **6. Considerações Finais**

Com os desdobramentos da dissertação de mestrado, foi possível constatar que as relações de poder também têm seus efeitos na educação dos surdos. Em resumo, poderíamos dizer que, apesar de suas histórias de fracasso escolar, os surdos indicaram que conseguem participar da sociedade, e encontram modos próprios de se inserirem nas práticas de numeramento-letramento. Procuramos uma instituição onde, principalmente professores e alunos tivessem um território lingüístico comum, no qual a aprendizagem pudesse ser construída. No entanto, sabemos que no processo de aprendizagem inúmeros outros fatores se fazem presentes, embora não se possa negar a importância de uma língua compartilhada entre todos os participantes.

Assim, tentando encontrar pistas para a Educação Matemática de pessoas surdas que indiquem, talvez, algumas atividades que envolvam os conhecimentos matemáticos, percebemos a importância de questões teóricas que, num primeiro momento, pareciam não

estar relacionadas com o nosso foco inicial, mas que se tornaram extremamente relevantes para a compreensão dos fenômenos estudados. Estamos nos referindo às questões sobre culturas, identidades e representações, entre outras, que se tornaram nosso ponto de apoio para entender as muitas significações que foram sendo apresentadas pelos surdos durante a pesquisa de mestrado.

Certos de que não existirá nunca uma resposta que consiga contemplar todas as situações e especificidades, pois mesmo em grupo de surdos existem notáveis diferenças entre seus membros, acreditamos que as pistas para a sua educação surgirão do próprio surdo e do próprio contexto no qual ele possa estar inserido. Entretanto, impossível negar a carência por textos escritos pelos próprios surdos que apontem suas expectativas, seus desejos, enfim, que permitam reflexões sobre a educação dos surdos a partir de suas próprias idéias, significações e teorias.

Como próximos passos, com o desenvolvimento do projeto de doutorado, podemos dizer que nossa preocupação volta-se também para a formação dos professores de matemática, pois, torna-se evidente a necessidade de que as discussões sobre o tema se façam presentes já na formação dos professores. E, ainda, nos interessa a criação de materiais didáticos que possibilitem as práticas de Educação Matemática para Pessoas Surdas. Sem esgotar tudo o que poderia ser dito, mas cientes da necessidade de um fechamento, concluímos, com o desejo de que outros trabalhos possam nos ajudar no aprofundamento das questões aqui retratadas, para que assim, num futuro bem próximo, possamos conhecer as práticas matemáticas dos surdos em suas atividades do dia-a-dia, e assim (re) pensar a educação dos mesmos também em contextos escolares.

### REFERÊNCIAS

- BUENO, José Geraldo. Surdez, linguagem e cultura. **Cadernos CEDES**, São Paulo, n. 46, p. 41 – 56, 1998.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Sociedade, cotidiano escolar e cultura (s): uma aproximação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 125 – 161, 2002.
- CAVALCANTI, Marilda C. Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil. **D. E. L. T. A.**, vol. 15, n. especial, p. 385 – 417, 1999.
- CUNHA COUTINHO, Maria Dolores Martins da. **A mediação de esquemas na resolução de problemas de Matemática por estudantes surdos**: um estudo de caso. Rio de Janeiro: UFRJ. 2003. 184 f. mimeo. Dissertação (Mestrado). Programa Interdisciplinar de Lingüística Aplicada – Interação e Discurso. UFRJ, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2003.

D' AMBROSIO, **Etnomatemática**: elo entre as tradições e a modernidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ERICKSON, F. What Makes School Ethnography "Ethnographic"?. **Anthropology and Education Quarterly**, Vol. 15, nº 1, p. 51 – 66, Spring, 1984.

\_\_\_\_\_. **Métodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza**. In: WITTRUCK, M. C. La investigación de la enseñanza, II. Métodos cualitativos y de observación. Barcelona: Ed. Paidós. 1989. p. 195 – 299

FERNANDES, Elaine Botelho Corte. **E EU COPIO, ESCREVO E APRENDO**: Um estudo sobre as concepções (re)veladas dos surdos em suas práticas de numeramento-letramento numa instituição (não)escolar. Itatiba: Universidade São Francisco, 2007. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da USF, Itatiba, 2007.

LANE, Harlan. **A máscara da benevolência**: a comunidade surda amordaçada. Trad. de Cristina Reis. Horizontes Pedagógicos, 1992.

MENDES, Jackeline Rodrigues. **Descompasso na interação professor-aluno na aula de Matemática em contexto indígena**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1995. Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas – SP, 1995.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Lingüística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma lingüística aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SKLIAR, Carlos. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

WENGER, Etienne. **Comunidades de prática**: Aprendizaje, significado e identidad, Trad. de Genis Sanches Barberán, Barcelona: Paidós, 2001.